



Cine Comunidade na Escola: Uma perspectiva de problematizar a relação da juventude com as mídias¹

Josieli Araújo RODRIGUES²

Grupo de pesquisa educação e mídia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis - MT

RESUMO

Este artigo científico tem por objetivo discutir o projeto cine comunidade na escola, que tem como ações a exibição de filmes brasileiros com estudantes de Escolas Públicas. A proposta é interagir com a juventude que é o público alvo do mercado tecnológico e está associada com a mídia, na recepção e emissão das mensagens. O trabalho é realizado por estudantes de graduação e pós-graduação (especialização e mestrado) e profissionais ligados a temática, comunicação e educação. A pesquisa é efetuada metodologicamente por meio de configuração conceitual (Bernardet, Caccia-Bava, Debord, Duarte, Martin-Barbeiro), projeção do filme, observação da recepção da mensagem e o debate.

PALAVRAS-CHAVE: cinema, comunicação, educação.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis, intitulado “Modos de Ver: Cultura, Educação e Mídias Contemporâneas”, têm por objetivo central fomentar, pesquisas que problematizam temas no campo da educação e mídias contemporâneas, tendo como alvo os sujeitos sociais jovens. Participam do grupo de pesquisas, estudantes de graduação, pós-graduação (mestrado e especialização) e profissionais ligados à mídia e educação.

A partir da discussão do grupo, chegou-se a uma ideia de elaboração de projeto um projeto de extensão envolvendo o cinema e a educação. Consiste em, levar o cinema que é uma das mídias contemporânea para a sala de aula. Mas, como fazer isso? De que forma discutir mídia e sua relação com o universo educacional? Como trabalhar com o cinema em sala de aula? O que será que pode ocorrer na escola e com os estudantes participantes do projeto? Que tipos de filmes serão exibidos e discutidos?

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Especialista em Educação UFMT, email: josieliaraujo@hotmail.com



Essas foram algumas perguntas iniciais para a elaboração do projeto. A proposta do “Cine Comunidade na Escola”, utilizando no modelo de cineclubes, irá trabalhar com estudantes do Ensino Médio de escolas públicas de Rondonópolis, onde serão discutidos filmes brasileiros e a importância pedagógica que o cinema tem para a formação do indivíduo social.

Para tanto, está se levantando um arcabouço teórico para fundamentar o tema proposto. Em seguida, por meio de reuniões com os integrantes do grupo iremos estruturar roteiros para as discussões, bem como, selecionar filmes nacionais que serão exibidos no projeto.

O público alvo são os estudantes de escolas públicas que estão cursando o Ensino Médio, que vivenciam a etapa da juventude. A escolha pelos sujeitos jovens tem relação com uma das propostas do grupo de pesquisa, que é discutir a cultura midiática e sua inserção na sociedade contemporânea, pelos mecanismos tecnológicos, e tendo em vista que a juventude tem um contato mais próximo e também está mais suscetível aos apelos da sociedade de consumo. Por isso a necessidade de discutir o efeito que tanto a mídia quanto seu consumo causam nas vidas desses jovens.

Pensou-se nos filmes nacionais, para contextualizar o meio em que estamos inseridos e as temáticas que precisamos dialogar para avançar, projetando um discurso mais crítico, com esses jovens.

EMBASAMENTO TEÓRICO

Um dos autores que discutimos no projeto para contextualizar a história do cinema é Jean Claude Bernardet, em seu livro “O que é cinema” (1983). Para o autor, a base do cinema reside na ideia da reprodução da realidade, que foi também a reprodução da própria visão do homem, ou seja, que a imagem cinematográfica reproduz a realidade, por meio da “máquina”. Mas com os avanços dos estudos, percebeu-se que a imagem cinematográfica não reproduz **realmente** a visão humana, porque o nosso campo de visão é maior que o espaço retratado na tela. A imagem cinematográfica é, portanto um espaço de representação. No decorrer da história foram ocultados os aspectos artificiais do cinema para sustentar a impressão de realidade.

“...o olho mecânico como alguns chamaram o cinema, ele não sofre a interferência da mão do pintor ou da palavra do poeta. Portanto, sem intervenção, sem deformação, o cinema coloca na tela pedaços de realidade, coloca na tela a própria realidade. É pelo menos a interpretação do cinema



que se tenta impor. E durante muito tempo aceitou-se essa interpretação.”(BERNARDET, 1983, p.7)

O cinema como expressão artística foi começar a se desenvolver na década de 30, quando foi melhorado e aperfeiçoado. Com o avanço da tecnologia os maquinários começaram a proporcionar, por exemplo, as imagens coloridas, além de edições com imagens em vários formatos de planos, e mais funções de gravação que facilitariam seus usos.

“É também a partir de reprodução de cópias que se passou a definir o cinema como mercadoria. O cinema – uma mercadoria abstrata que se assemelha não ao quadro ou ao livro, mas a uma mercadoria tipo – transporte público”. (BERNARDET, 1983, p.15)

Desde que o cinema, começa se tornar mercadológico, várias fundações foram criadas para lutar contra a dominação de uma elite do cinema para que ele pudesse ser independente. Partes dos cineastas lutaram pela originalidade. Sendo o filme mercadoria, quem tem a última palavra é o proprietário comercial e não o proprietário intelectual (BERNARDET, 1983).

O cinema como mercadoria, criou um mercado. Nessa perspectiva, pensar que o espectador cinematográfico é passivo, seria um erro. Ao ver e compreender um filme, o público o interpreta, transforma-o, em função de suas vivências. Outro papel do cinema é de reflexão. No Brasil, os cineastas, Nelson Pereira dos Santos, (autor do filme “filme Vidas Secas” 1963) e Glauber Rocha, (autor de “Deus e o Diabo na terra do sol” 1964) marcaram o cinema brasileiro ao discutir problemas básicos da sociedade, como miséria, preconceito, violência, através de suas imagens em movimento. Assim, o cinema se torna também um espaço de reflexão.

“Os filmes não são concebidos como meros divertimentos, mas procuram levar ao público uma informação, que seja a respeito do assunto de que tratam, quer seja pela linguagem a que recorrem que tende a diferenciá-los nitidamente do espetáculo tradicionais.” (BERNARDET, 1983, p.56)

A Estudiosa, Rosália Duarte em seu livro “Cinema e Educação” (2009), pergunta o que tudo isso tem haver com a educação? E ela mesma responde que, tudo começa com o processo de socialização. “O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de sociabilidade, forma autônoma ou lúdica de socialização”, (DUARTE, 2009, p.16) possibilidade de interação pela entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns.



Se fecharmos os olhos, e pensar em imagens que compõem a história da vida humana, verá de cada canto do mundo, retratos das diversidades culturais, religiosa, política e o modo de como vive as pessoas em países diferentes, a referência de imagens, que nos é apresentada se dá, na maioria dos casos, pelo cinema. Dentro dessa perspectiva, o cinema vai além de uma imagem fílmica que está sendo rodada, ele constrói um saber. Ele tem um papel de interação entre as culturas, isso nos leva a uma formação social seguida pelo respeito, amizade e entendimento político.

Essa prática de ter o recurso áudio visual voltado para educação, se discute então, a inserção como uma disciplina educacional, no currículo escolar. Duarte (2009) menciona que em países de primeiro mundo, já se tem essa prática. Não se pode discutir algo que não entendemos ou compreendemos, por isso se faz necessário pensar que o estudo da análise do cinema, do contexto exibido vem de encontro da necessidade de saber a linguagem e como conduzir a discussão.

“Diferente da escrita, cuja compreensão pressupõe domínio pleno dos códigos e estruturas gramaticais convencionados, a linguagem do cinema está ao alcance de todos e não precisa ser ensinada, sobretudo em sociedades audiovisuais, em que a habilidade para interpretar os códigos e signos próprios dessa forma de narrar é desenvolvida desde muito cedo. A maior parte de nós aprende a ver filmes pela experiência, ou seja, vendo (na telona ou na telinha) e conversando sobre eles com outros expectadores.” (DUARTE, 2009. p. 33 e 34)

Duarte (2009), explica que a maior característica do cinema é a impressão de realidade. O cinema é composto por significações. Além do aparato tecnológico utilizado, o tema proposto nos leva a essa impressão de realidade. Os elementos, como som, iluminação, corte da imagem, caracterização, música, linguagem, está no conjunto proposto para levar o espectador a essa possível realidade em que o cinema é.

Mas se tratando de uma educação pautada ao conhecimento, não apenas de como fazer cinema e como se dá a relação que compõem o mesmo, é preciso ir além da impressão de realidade, é necessário que os espectadores tenham entendimento do que se passa, não apenas adquirido pelo convívio social e familiar, mais embasamento crítico de realidade para assim conceituar e aprofundar.

“A significação de filmes também não se dá de modo exclusivamente individual. Esse é um processo eminentemente coletivo, no qual o discurso do outro é tão constitutivo de nossas ideias e opiniões quanto o nosso próprio discurso. Espectadores de cinema, cinéfilos ou não, sabem, pela experiência, que o(s) sentido(s) do filme nunca é(são) dado(s) nele próprio e nunca é(são)



apreendido(s) individualmente – daí a “absoluta necessidade” que afirmam ter de falar dos filmes que veem com outros espectadores”. (DUARTE, 2009, p.54)

Augusto Caccia-Bava (org.) “Jovens na América Latina” (2004), explica que no decorrer da história da humanidade a juventude nasceu e morreu várias vezes. Por muito tempo, diversas culturas só viam a pessoa se tornando adulta quanto atingia a capacidade econômica e sexual, antes disso eram crianças. Após a 2º Guerra Mundial, apareceu no Ocidente o modelo da juventude, o ideal da adolescência. O período foi caracterizado como livre de responsabilidades, politicamente passivo e dócil. Ao mesmo tempo pesquisadores também consideram a inquietante imagem do rebelde sem causa.

“Entendida como a fase da vida individual compreendida entre a puberdade fisiológica (uma condição natural) e o reconhecimento do status adulto (uma condição cultural), afirmou-se que a juventude constitui um universal da cultura, uma fase natural do desenvolvimento humano que se encontraria em todas as sociedades e momentos históricos, explicado pela necessidade de um período de preparação e amadurecimento entre a dependência infantil e a plena inserção social”. (CACCIA-BAVA, A.; CANGAS, Y.; PAMPOLS, C; 2004, p.258-259)

O papel da escola nesse processo foi fundamental para que a juventude pudesse neste ambiente ser livre para pensar e buscar um lugar na sociedade. O fato é que a sociedade socioeconômica em que vivemos nos faz refém, na maioria das vezes, de um sistema que compacta a juventude, encurralando ao sistema cultural.

Guy Debord, “A Sociedade do Espetáculo” (1997), chama atenção para a construção do modelo de relação social a partir da sociedade do espetáculo. O espetáculo projetado pelas imagens se dá pela mídia. “A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente”. (DEBORD, 1997 p.10)

O processo em que Debord (1997) se refere é a uma sociedade em que o espectador é alienado, ele contempla o objeto, e quanto mais ele o contempla menos vive. Esse objeto em que, esse trabalho se refere, são as mídias, em que são contemplados por milhares de jovens. Busca-se a compreensão destes. Como fazer uma leitura aprofundada das mídias? Como não ceder a seus encantos mercadológicos? Como decodificar suas mensagens?

Se pensarmos no momento em que vivemos, a escola é o meio que essa juventude, tem para ir além do sistema em que vive. A instituição vai de encontro ao um debate mais



desafiador, humano, social, revolucionário, na perspectiva de busca por um mundo melhor e menos alienado.

De que forma a escola pode trabalhar essa perspectiva? Por meio das tecnologias digitais que estão inseridas em nosso meio, e que fazem parte da geração de meninas e meninos desde os anos 2000. O cinema é uma tecnologia audiovisual, possível acompanhar em qualquer lugar, não apenas nas salas de shoppings espalhadas por todo Brasil. Hoje é acessível comprar filmes, baixar pela internet, assistir em casa, por meio do computador, tablete, aparelho celular.

Para que ocorra a análise crítica de um texto fílmico, e assim ele possa ser lido, é preciso que se aprenda na escola essa faceta. É preciso então, diferentes sistemas de significações para descrever os significados das narrativas. Essa aproximação metodológica e social está relacionada direta e indiretamente com a instituição escolar.

Por isso, tem-se uma possibilidade de juventude ativa, não passível de informações e formação imposta ou dominadora. O filme pode ser objeto de estudo da juventude desde que seja de forma criativa, educadora, formadora. Faz-se necessário ver ao filme como um produto cultural que reflete e veicula valores das sociedades em que estes estão imersos. (referência livro juventude)

CINECLUBES

O movimento cineclubista no Brasil disseminou por volta de 1960 e 1970. Era praticado por estudantes secundaristas e universitários, com o tempo foi chegando até outras entidades ligadas a movimentos sociais e associações de moradores. Os cineclubes são caracterizados pela abertura de espaço para a socialização e de formação de público sobre o cinema.

“A ação pedagógica desses cineclubes e das cinematecas, associada a uma rede de socialização mais ampla, constitui um cenário privilegiado de aprendizagem informal de cinema, de troca de saberes de informações, de leitura e de discussão de artigos sobre o assunto. Essa prática terminou por atribuir valor a certos filmes (e/ou cinematografias), legitimando certas maneiras de ver e fazer cinema.” (DUARTE, 2009, p.66)

A questão é não deixar de ser seduzido pelo cinema. Essa prática de discutir e avançar com as temáticas exibidas nas películas, também foi adotado pela comunidade interpretativa, que eram formadas por grupos de pessoas que faz o uso da mídia. Essas



peessoas compartilham códigos, formas de ver e interpretar que se traduzem em atitudes comuns de escolha, de decodificação e de aplicação dos conteúdos da mídia. (DUARTE, 2004).

Os chamados espectadores privilegiados, são os frequentadores do cinema que são mais críticos e mais informados. Para todos estes grupos, o cinema é informação e formação, caracteriza a autora Duarte (2009), como “uma prática eminentemente pedagógica”.

CINEMA NA ESCOLA

O cinema ainda não é visto como uma ferramenta de conhecimento educacional, a associação é feita ao entretenimento a cultura. A pesquisadora, Duarte (2009), ainda cita que estamos atrelados à ideia produção audiovisuais o espetáculo que essas tecnologias representam e o cinema está associado a essa ideia. Mas já temos iniciativas em todo o país de professores associados a instituições não governamentais que promovem atividades com filmes para que haja a discussão com os alunos e assim construir uma valorização mais crítica daquilo que é tido apenas como cultural.

Como fazer diferente, é necessário antes de levar o filme pra sala de aula ter um entendimento de cinema, contextualizar a história audiovisual e ainda saber como ler criticamente o conteúdo. Tudo depende também o professor fazer a relação do conteúdo com o contexto fílmico.

“O texto fílmico é produto de configurações significantes construídas, em linguagem cinematográfica, pela articulação de diferentes elementos: imagem em movimento, som musical, ruídos (sonoplastia), sons da fala e escrita. Isso faz do filme o resultado de um conjunto de significações que podem ser interpretadas e compreendidas de diversas maneiras”. (DUARTE, 2004, p.86)

METODOLOGIA

Nos últimos 20 anos, grupos de pessoas, da Europa, Estados Unidos, América Latina, entre outros, tem buscado se reunir para apreciar um filme em circuitos paralelos ao que o mercado tem oferecido. Os filmes apreciados por essas pessoas têm contextos históricos, sociais, lutas políticas, invenções tecnológicas. Tais grupos assistem aos filmes e depois debatem suas interpretações na tentativa de usar o cinema também para



a educação, indo além do entretenimento, comercial. O objetivo vai além de assistir um filme, mais também a observar uma realidade ou situação com olhar crítico, discutir mecanismos de mudanças concretas e, por fim, agir pautado na educação. Uma mudança de postura pessoal e social.

Rosália Duarte (2009), fala que a relação das pessoas com o cinema possibilita a inserção com outras realidades. Permite-se a aprender com os filmes, a interpretar imagens, sentir emoções, refletir a partir deles, a reconhecer valores diferentes. Em suma, as diversas possibilidades de interpretação que o cinema nos proporciona levam-nos a competência de compreensão.

Duarte questiona como o cinema possa não ser apenas uma ferramenta para complementar a educação, mas também um meio para educar, um canal em que o estudante vá além da sua própria realidade. Jesús Martín Barbeiro questiona em “Dos Meios as Mediações” (2001), esse espectador passivo, que foi construído em especial pelos críticos da escola de Frankfurt e aponta para espectador ativo, que **recebe** a mensagem e questiona, para assim ter seu próprio entendimento. Para ele, o sujeito social interage ao receber a mensagem.

A escola enquanto instituição que utiliza o cinema, seja como ferramenta, seja como recurso didático tem que possibilitar um debate a partir do tema proposto para assim avançar e fomentar a intelectualidade dos sujeitos sociais dela participante. E sendo o sujeito social ativo, faz-se necessário que os educadores assistam, leiam, e busquem compreender a proposta fílmica a ser exibida com os estudantes.

Todo filme tem uma proposta, seja ela qual for a grande maioria, transmite um sentimento, valores, desejos, expectativa, faz com que o espectador se reconheça a partir da história.

JUSTIFICATIVA

Para pensar em um mundo cercado de tecnologias digitais, em que a adolescentes e jovens são os principais consumidores alvos, seja para educação, entretenimento, lazer ou até informação, é necessário, também ensiná-las a lidar com essas tecnologias. A educação desses jovens deve ser pautada não em como utilizar as ferramentas tecnológicas, mas sim interpretar as mídias, a virtualizar em um mundo cheio de possibilidades por meio das tecnologias. Temos que debater com os jovens por que as tecnologias digitais já estão em nosso meio.



Finalmente este projeto de pesquisa busca entender um pouco mais a relação da juventude com as mídias contemporâneas. É necessário problematizar a relação da juventude com as mídias e essas como meio de aprendizagem para que eles sejam não apenas “receptores”, mas também produtoras de significados, e o cinema proporciona por meio dos filmes sua rica produção de significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense Editora, 1983.

CACCIA-BAVA, Augusto. CANGAS, Yanko Gonzáles. PÀMPOLS, Carles Feixa. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MARTIN-BARBEIRO, Jesús. **Dos Meios e das Mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

